

CONVERGÊNCIAS ENTRE ABORDAGEM EXPERIENCIAL (CANADÁ) E ABORDAGEM TRIANGULAR (BRASIL)

CONVERGENCIAS ENTRE EL ENFOQUE EXPERIENCIAL (CANADÁ) Y EL ENFOQUE TRIANGULAR (BRASIL)

CONVERGENCES BETWEEN THE EXPERIENTIAL APPROACH (CANADA) AND THE TRIANGULAR APPROACH (BRAZIL)

Liliana Regina Ghirardello Dell'Agnese

Universidade Anhembi Morumbi – SP

Orcid: 0000-0003-4857-1331

RESUMO

Esse artigo tem o objetivo de demonstrar a intersecção entre a Abordagem Experiencial desenvolvida por Annie Smith (Canada) e a Abordagem Triangular elaborada por Ana Mae Barbosa (Brasil). A congruência e a intersecção de ambas as Abordagens decorrem da visualização e leitura de obras em períodos da História da Arte. A partir do ver/ conhecer, ler/ interpretar tais produções historiográficas, suscita reflexões e subjetivações que levam ao “fazer” Arte. Esse projeto desenvolveu-se no componente de Arte no 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública em São Paulo, Brasil, no ano de 2019. Nesse projeto os estudantes foram envolvidos no ensino da História da Arte e, a partir do conhecimento adquirido de cada período estudado, foi proposto àqueles alunos que pudessem ressignificar objetos de seu cotidiano, de acordo com suas preferências e com a livre expressão de gostos individuais. A metodologia utilizada pelo professor- mediador parte da inserção da História da Arte no componente de Arte e da proposição da prática artística com o redesign de um objeto.

Palavras-chave: Arte, Educação, Abordagem Experiencial, Abordagem Triangular.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo demostrar la intersección entre el Enfoque Experiencial desarrollado por Annie Smith (Canadá) y el Enfoque Triangular desarrollado por Ana Mae Barbosa (Brasil). La congruencia e intersección de ambos Enfoques parte de la visualización y lectura de obras en períodos de la Historia del Arte. Desde el ver/saber, leer/interpretar las obras, suscita reflexiones y subjetivaciones que llevan a “hacer” Arte. Este proyecto se desarrolló en el componente de Arte en el 1er año de secundaria en una escuela pública de São Paulo, Brasil en el año 2019. En este proyecto los estudiantes se involucraron en la enseñanza de la Historia del Arte y de los conocimientos adquiridos de cada período. estudiado se proponía que los estudiantes pudieran replantear objetos de su vida cotidiana, según sus preferencias y con la libre expresión de los gustos individuales. La metodología utilizada por el docente-mediador parte de la inserción de la Historia del Arte en el componente Arte y la propuesta de práctica artística con el rediseño de un objeto.

Palabras clave: Arte, Educación, Enfoque Vivencial, Enfoque Triangular.

ABSTRACT

This article aims to demonstrate the intersection between the Experiential Approach developed by Annie Smith (Canada) and the Triangular Approach developed by Ana Mae Barbosa (Brazil). The congruence and intersection of both Approaches stems from the visualization and reading of works in periods of the History of Art. From seeing/ knowing, reading/interpreting the works, it raises reflections and subjectivations that lead to “making” Art. This project was developed in the Art component in the 1st year of high school at a public school in São Paulo, Brazil in the year 2019. In this project the students were involved in the teaching of Art History and from the knowledge acquired from each period studied it was proposed that students could reframe objects of their daily lives, according to their preferences and with the free expression of individual tastes. The methodology used by the teacher-mediator starts from the insertion of Art History in the Art component and the proposition of artistic practice with the redesign of an object.

Keywords: Art, Education, Experiential Approach, Triangular Approach.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a Abordagem Experiencial desenvolvida por Annie Smith, no Canadá, a partir dos anos 1970, bem como as consonâncias com a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, a partir dos anos 1980, no Brasil. A Abordagem Experiencial desenvolve o fazer artístico a partir do conhecimento de períodos da Arte, artistas e os contextos histórico, social, geográfico, econômico, nos quais está inserido o objeto de arte.

A Abordagem Experiencial, a partir do conhecimento de períodos da História da Arte, e com as características pertencentes a cada período artístico, trabalha com questionamentos para produzir intervenções em objetos cotidianos, por meio de experiências práticas com a redefinição e/ou *redesign* de objetos cotidianos.

A Abordagem Triangular — também denominada por sua autora como Abordagem Circular —, baseia-se no ensino da Arte através do conhecimento de obras e artistas, bem como os períodos históricos e o contexto no qual as obras foram concebidas, além da apreciação e reflexão; a partir dessas premissas tencionam produzir e originar trabalhos expressivos e subjetivos desenvolvidos por cada indivíduo.

Na execução prática do projeto, os estudantes foram enredados no ensino da História da Arte e, com base no conhecimento adquirido de cada período estudado, propõe-se aos estudantes que almejem ressignificar objetos de seu cotidiano, de acordo com suas preferências e com a livre expressão de gostos individuais. A metodologia utilizada pelo professor-mediador foi a de inserção da História da Arte com a demonstração de vários períodos

e obras, não necessariamente seguindo a ordem histórica cronológica e linear, com base nos exemplos de trabalhos desenvolvidos pela Abordagem Experiencial de Annie Smith em consonância com a Abordagem Triangular ou Abordagem Circular de Ana Mae.

A ABORDAGEM TRIANGULAR

A Abordagem Triangular¹ também conhecida como Proposta Triangular, elaborada por Ana Mae Barbosa, na década de 1980, engloba vários parâmetros de ensino e aprendizagem de forma não linear e que podem ser trabalhadas pelo professor ao mesmo tempo, tais como: leitura da imagem e do objeto, por meio de interpretação e análise do objeto de arte, a contextualização de referenciar e situar o objeto de arte na esfera social, vinculado ao tempo/espço que a obra e o artista estão inseridos e, finalmente, o fazer artístico, a prática artística desenvolvida por aquele que conheceu e apreciou a obra de Arte.

A Abordagem Triangular trouxe para o ensino de Arte uma ampliação do conhecimento, por situar a obra e o artista em

1 A Proposta Triangular foi experimentada no Museu de Arte Contemporânea da USP entre 1987 e 1993, tendo como meio a leitura de obras originais. De 1989 a 1992 também foi experimentada nas escolas de rede municipal de ensino de São Paulo, por meio de reproduções de obras de arte e visitas aos originais no museu. Este projeto foi iniciado no período em que Paulo Freire foi secretário de Educação do Município de São Paulo. Ainda em 1989, iniciou-se a experimentação da Proposta Triangular, usando-se o vídeo para a leitura da obra de arte. Este último projeto, Projeto Arte Na Escola, legitimada pela pesquisa orientada por Ana Mae Barbosa sobre e ao encargo de Analice Dutra Pillar e Denise Alcalde Vieira, da Universidade Federal do Rio Grande do sul (UFRGS) — financiado e coordenado pela Fundação IOCHPE —, envolveu uma pesquisa preliminar em Porto Alegre (RS), e deflagrou intenso programa de atualização de professores em muitos estados e cidades brasileiras. O objetivo era atingir escolas do interior do país onde não há museus e em cujas bibliotecas há poucos livros de arte, pois são muito caros no Brasil.

um contexto social e temporal, ao qual o objeto de arte está intrinsecamente vinculado, incluindo informações históricas e culturais.

Trabalhar com artistas e obras de arte propicia ao estudante, uma oportunidade de adentrar em um espaço tempo diferente daquele vivido por ele em seu cotidiano, coloca-o em contato com relações sociais distintas das quais vivencia em sua rotina diária. Amplia o conhecimento da sociedade e técnicas desenvolvidas em determinada época, exercita a ação para apropriar-se através de modos distintos de expressividade para reinterpretá-los a partir de suas subjetividades.

(...) a arte não está separada da economia, política e dos padrões sociais que operam na sociedade. Ideias, emoções, linguagens diferem de tempos em tempos e de lugar para lugar e não existe visão desinfluciada e isolada. Construimos a historia a partir de cada obra de arte e pelas crianças, estabelecendo conexões e relações entre outras obras de artes e outras manifestações culturais. (Barbosa, 2014, p. 20).

A evolução da Abordagem Triangular como método e processo deu-se ao passar dos anos, desde o desenvolvimento da formação dos arte/ educadores, inclusive com revisões de sua própria autora.

Passados dez anos da Abordagem Triangular, Ana Mae Barbosa ressignificou as nomenclaturas e conceituou como uma Abordagem Circular, em que todos os pontos interligam-se e desenvolvem-se conjuntamente, com o olhar subjetivo do espaço circundante do estudante, considerando sua experiência.

A Abordagem Triangular trabalha com três eixos não lineares: o ver, a contextualização da obra e o fazer artístico; essas ações podem ser retomadas quantas vezes se façam requeridas pelos estudantes, fortalecendo o pensamento dialógico explicitado por Paulo Freire² (educador e filósofo brasileiro) nas ações educacionais. A prática didática

fundamentava-se na crença de que o educando assimilaria o objeto de estudo fazendo uso de uma prática dialética com a realidade, em contraposição à, por ele denominada, educação bancária e tecnicista: o educando criaria sua própria educação, perfazendo o próprio caminho. Em consonância de conceitos, sobre a educação como Paulo Freire, Barbosa (2010) afirma que “Arte Educação é um processo de libertação, o indivíduo torna-se consciente de si próprio e do mundo que lhe rodeia”.

O ver vai além do olhar fisiológico, passa pela etapa do pensar, descobrir e decodificar o que a imagem, a narrativa visual, conta; envolve uma análise crítica da imagem, “uma leitura crítica do mundo” em uma visão freireana.

A contextualização situa a imagem em seu tempo/espaço, remete às condições sociais, econômicas, políticas de cada tempo referido; situar informações abrem as portas para a interdisciplinaridade, para relação com outros meios, outras mídias. É nessa etapa que acontecem as relações com o ver; o indivíduo vê e contextualiza ou, o contrário, de posse de informações anteriores (contextualizadas no tempo, espaço), passa a ver, enxergar a informação anteriormente não percebida e faz os processos mentais, cognitivos. O fazer é a apropriação dos saberes obtido na apreensão do que foi visto e entendido, e decodificado (sempre de acordo como grau de conhecimento prévio ou obtido pelo indivíduo). Nessa fase, as associações cognitivas feitas podem exteriorizar-se em expressões e subjetividades individuais, para conceber uma formulação. O ato de conceber uma ação, o fazer, é uma consequência das etapas anteriores. Com a apreensão e percepção das imagens/informações anteriores, o olhar do indivíduo vai modificando-se.

Barbosa (2010) ressalta que:

A educação é midiaticada pelo mundo em que se vive, formatada pela cultura, influenciada por linguagens, impactada por crenças, clarificada pela necessidade, afetada por valores e moderada pela individualidade. Trata-se de uma experiência com o processo de gerar significados, pelas leituras pessoais autossonorizadas do mundo fenomênico e das “paisagens interiores”. (p. 12).

Ana Mae Barbosa conheceu Annie Smith³ no Conselho

³ Essas atividades lhe renderam reputação internacional com públicos nos Estados Unidos, Escócia, Alemanha, Hong Kong, Taiwan e Brasil. Suas realizações nos campos da educação, da prática em estúdio e da História

² Paulo Freire foi autor de “Pedagogia do Oprimido”, escrito em 1968. O livro propõe uma pedagogia com uma nova forma de relacionamento entre professor, estudante, e sociedade, um método de alfabetização dialético. O educador defendeu o diálogo com as pessoas simples, não só como método, mas como um modo de ser realmente democrático; o educando seguiria e criaria o rumo do seu aprendizado através do desenvolvimento da sua própria autonomia. Destacou-se por seu trabalho na área da educação popular, voltada tanto para a escolarização como para a formação da consciência política.

Mundial da INSEA⁴ (*The International Society for Education Through Art*), no qual Smith representou a América do Norte em vários anos, estabeleceu-se a partir desses encontros uma grande troca de saberes profissionais e pessoais. Em 1992, a Barn Press publicou o livro *“Getting Into Art History”*, resultado de sua pesquisa de doutorado relatando sobre os projetos de arte que foram executados ao longo dos anos através da Abordagem Experiencial. O livro *“Entrando na História da Arte”* (tradução própria) foi publicado com uma adaptação traduzida em francês, *“Vivre l'histoire de l'art”* (Montreal, 1997), sem nenhuma publicação em outros países.

Annie Smith esteve no Brasil para o 3º Simpósio Internacional sobre o Ensino da Arte e sua História, em agosto de 1989, Museu de Arte Contemporânea (MAC), na USP, para ministrar uma palestra, na qual ressaltou a importância da convivência com obras de Arte e os benefícios apresentados por seus alunos através dessa vivência. A palestra intitulou-se *“Fundamentos teóricos do Ensino de História da Arte”*. Essa preleção e a de outros pesquisadores e professores convidados foram publicadas no livro *“Arte/Educação Contemporânea, Consonâncias Internacionais”*, organizado e prefaciado por Ana Mae.

ANNIE SMITH E A ABORDAGEM EXPERIENCIAL

Annie Smith (1958-2007) foi uma artista visual, especialista em educação artística, desenvolvedora e coordenadora do programa de História da Arte em uma colaboração entre a Universidade da Califórnia, Berkeley e a Universidade de

Arte e Tecnologia de Toronto, programa que mantém-se até os dias atuais.

A formatação tradicional de ministrar aulas sobre História da Arte e o pouco ou quase nenhum envolvimento com ações efetivas levaram a professora a procurar uma maneira de envolver os estudantes em ações práticas relacionadas ao objeto de Arte.

A Abordagem Experiencial propõe “estimular o aprendizado, criando interesse nas informações oferecidas”. Através das eras, períodos e “ismos” da História da Arte, no ensino e aprendizado compartilhados resultam claramente em confrontos intencionais e intensamente pessoais com obras de arte e artistas, um processo que chama de *“Abordagem Experiencial do Ensino de História da Arte”*. Decidiu-se por trabalhar com projetos ativos, os quais poderiam ser divididos em duas categorias: “os projetos que não requerem conhecimento prévio da arte, artista ou cultura por parte dos alunos e aqueles que solicitam análises e/ou pesquisas cuidadosas ao tentar uma tarefa” (Smith & Hancock, 1993).

Essa abordagem de trabalho propõe envolver o corpo discente desde o ensino médio até a graduação com aulas teóricas sobre História da Arte. A Abordagem Experiencial desenvolve o fazer artístico, a partir do conhecimento de períodos da arte, artistas e os contextos histórico, social, geográfico, econômico, nos quais o objeto de arte está inserido. Esse contexto aproxima o campo do Design com a proposição de fazer e conhecer as especificidades de cada período artístico. Disponibilizado o conhecimento de períodos da História da Arte, utiliza a Abordagem Experiencial para produzir intervenções em objetos cotidianos, por meio de experiências práticas na redefinição *e/ou redesign* de objetos cotidianos.

Para a execução da Abordagem Experiencial são feitas perguntas que norteiam os projetos: Como seria esse objeto se pertencesse à determinada época e período artístico? Redesenhar, criar um objeto ou fazer o ‘redesign’ desse (Smith & Hancock, 1993).

O termo *‘redesign’*, para Annie Smith, refere-se à inserção de características “essenciais” e específicas pertencente a cada período artístico empregadas na modificação e transformação de um objeto pronto, ou a construção de um objeto passível de ser reconhecido pela observação das características pertencentes a dado período artístico de arte. A aproximação da área de Arte e Design desperta o conhecimento de objetos contemporâneos que podem

da Arte foram reconhecidas em muitos prêmios: Prêmio de Excelência do Presidente, Sheridan College (1990); Prêmio Nacional de Excelência em Ensino, Instituto Nacional (Estados Unidos) de Desenvolvimento Pessoal e Organizacional (1991); recebe o Landsdowne Arts Scholar, da Universidade de Victoria, Austrália (1991); reconhecida por Charles Dudley Gaitskill, excelente professor de arte, da Sociedade Canadense de Educação pela Arte (1991); destacada como Historiadora de arte em residência, pela Bishop Carroll School for the Arts (1992). Em 1991/92, a Professora Smith foi convidada a fazer parte do Comitê de Revisão de Programas de toda a faculdade, presidido pela VP Academic, Catherine Henderson. Ao mesmo tempo, a professora Smith publicou nacional e internacionalmente sobre educação em periódicos acadêmicos de referência, e manteve um cronograma de palestras em conferências acadêmicas, novamente no Canadá e no exterior. Nos seis anos seguintes, ela reavaliou o programa generalista de três anos existente em educação artística e desenvolveu o atual enfoque profissional de Belas Artes para os cursos de graduação de História da Arte e Arte (de três anos) e especialista (quatro anos). Desde 1990, ela é reconhecida por suas contribuições à educação artística, com mais de dez prêmios por seu estilo criativo de ensino, palestras e publicações (Universidade Mississauga, Ontário, Canadá).

4 O INSEA é uma organização não governamental e parceira oficial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Sem fins lucrativos, tem como objetivo incentivar e promover a educação criativa por meio da arte, design e artesanato em todos os países, assim como colaborar com o fomento da compreensão internacional.

ser reorganizados e redesenhados sobre a forma original do produto. As áreas apresentadas de formas inter-relacionadas e interseccionadas podem aguçar os sentidos e a percepção do olhar, para despertar a observação dos objetos cotidianos que fazem parte do cotidiano dos estudantes.

Tomem-se, como exemplo, o período Barroco, cujas características que definem esse período são linhas sinuosas e curvas, talha dourada (objetos revestidos com folhas de ouro), elementos decorativos, como folhas, frutos, flores, anjos, agregados aos objetos arquitetônicos, como o altar, púlpitos de igreja, fustes salomônicos (colunas sinuosas com ornamentos florais e outros), arquitetura do exterior e interior das igrejas com paredes curvas. Esse conjunto de elementos usados para definir as características do período Barroco pode ser transposto, servindo como inspiração para compor outros elementos. Pode-se usar um vaso comum e redesigná-lo como Barroco; este mesmo pode se tornar um vaso Cubista, se fossem transferidas para esse objeto as características que definem o Cubismo, como a forma geométrica parte de objetos desconectados, colagem de jornais, letras, etc.

Dessa forma é exemplificado como um objeto retirado do cotidiano pode ser redesignado como um objeto Barroco, ou com características Cubistas ou mesmo Dadaísta e uma infinidade de outras possibilidades.

Abordagem experiencial: Bases Teóricas e Práticas

A Abordagem Experiencial desenvolve-se sobre quatro necessidades básicas no ensino de História da Arte:

- Primeira apreensão: direcionar o estudante para mergulhar em uma ideia importante, para o estudo da Arte, como, por exemplo, a escala, ou “abstração” ou característica do período;
- Segunda apreensão: estimular os estudantes para expressar as características formativas de cada período histórico e artístico, aspectos e ideias mais relevantes desse estudo, para que a resposta dada pelo indivíduo seja uma criação visual;
- Terceira apreensão: reforçar o modo como se olha para a História da Arte, incentivando a observação cuidadosa do trabalho original ou sintaxe visual: atenção às características essenciais, análise de cor, linha, forma, textura e outros elementos que pertencem à linguagem visual, juntas com vocabulário descritivo apropriado;

- Quarta apreensão: focar em períodos e comparações de tempo; criar interesse em descobrir o contexto do material estudado, o porquê da composição e da sintaxe visual estarem organizadas com uma determinada diagramação e não de outra maneira, mostrada em determinado período e com determinado artista (Smith & Hancock, 1993).

Convergências: Abordagem Experiencial e Abordagem Triangular

A Abordagem Triangular ou Circular — como reitera Ana Mae — tem um caráter transdisciplinar que atravessa e perpassa outros campos de conhecimento além das Artes Visuais. O reconhecimento da arquitetura, mobiliário, objetos cotidianos (Design) e imagens que perfazem a cultura visual integram um amplo leque de conhecimento integrador e articulador, formativos para o repertório cultural de cada indivíduo. Elementos pertencentes a cada período artístico expressam os ideais políticos, sociais de cada época, através das obras de Arte/Arquitetura, que, por sua vez, transmitem as singularidades de intenções plásticas elaboradas e designadas por cada artista.

Annie Smith expressa a necessidade do diálogo entre a História da Arte, as obras e os objetos cotidianos na contemporaneidade com a aproximação e o entendimento de Arte. Encontram-se e integram-se em ambas Abordagens a proposição de visualizar, conhecer e o fazer/produzir/engendrar expressando a necessidade de reflexão e crítica sobre o mundo. A decorrência dessas percepções é percebida no processo de ensino-aprendizagem, perpassado pelo viés do estudo e conhecimento de obras de Arte. Oportunizar e estabelecer relações com a História da Arte em uma instituição formativa e básica de ensino para crianças e jovens, desde os primeiros anos da educação básica, amplia o conhecimento de outras culturas e sociedades que, em si, trazem consigo um processo histórico e tecnológico próprios a dado período. Nesses estudos preliminares de apresentação da obra e do objeto de Arte, desde a visualização, a leitura, a interpretação e reinterpretação, criação e expressão de subjetividades, desenvolve-se e expande-se o processo cognitivo de cada indivíduo.

Os denominadores comuns que formam as bases dessas Abordagens estabelecem além do conhecimento das obras, a reinterpretação de uma maneira única e individual, o posicionamento reflexivo e criativo do saber na prática:

- Abordagem Triangular: ver/ler a obra, contextualizar, fazer atividades artísticas com expressões individuais (subjetividades);

- Abordagem Experiencial: ver/ler a obra, contextualizar, fazer atividades artísticas com expressões individuais (subjetividades).

As atividades propostas aos estudantes para a recriação e/ou modificação de um objeto são, desde o início do aprendizado, potencializadas pela inserção de características constitutivas de cada obra e período para a recriação, uma coautoria de ressignificados.

A partir desse momento, os estudantes têm a escolha de optar qual material será redesenhado/*redesign*/redesignado de acordo com suas preferências e gostos artísticos, servindo-se das características definidoras e inerentes de cada período artístico.

O desenvolvimento do projeto de *redesign* do objeto começa pela escolha do período e artista que cada um aprecia. Em seguida, passa-se para a etapa de projetar/desenhar e inserir as características escolhidas no objeto escolhido, camiseta e tênis, com a definição do tema e desenhos na proporção passa se à execução do projeto no objeto escolhido. A seguir imagens do trabalho desenvolvido baseados na Abordagem Experiencial e Abordagem Triangular.

Figura 1 — Fonte de inspiração - The Circus, 1906, Maurice de Vlaminck



Fonte: LaArt (2022)

Figura 2 — Desenvolvimento tênis – baseado no The Circus, 1906, Maurice de Vlaminck



Fonte: Fotos e montagens produzidas pela autora (2022)

CONCLUSÃO

As práticas brasileiras do ensino da Arte são diferentes daquelas de outros países, como vimos no Canadá, ou em outras partes do mundo. Porém, vimos que o estudo e a inserção da História da Arte nos espaços formais educativos auxiliam não só o conhecimento e desenvolvimento das sociedades que se formaram ao longo dos anos, como também a ampliação de percepções cognitivas e espaciais. O estudo da Arte estabelece conhecimentos transversais com as épocas e períodos passados, estabelecendo a compreensão das ideologias políticas, sociais e culturais da sociedade onde o objeto de Arte foi gestado. Propicia o despertar da percepção, reflexão e crítica para o entendimento de uma sociedade imersa em imagens.

Nesse breve relato contribuiu-se para a compreensão, junção e intersecção das Abordagens Experienciais por Annie Smith e Abordagem Triangular por Ana Mae Barbosa, consolidadas como métodos ativos e produtivos na ação de ensino-aprendizagem. A trajetória percorrida por Annie Smith permitiu constatar que as áreas de História da Arte e Design podem ser apresentados de forma inter-relacionada e interseccionada, e podem aguçar os sentidos e a percepção do olhar, e despertar a observação para os objetos cotidianos que fazem parte de suas vidas.

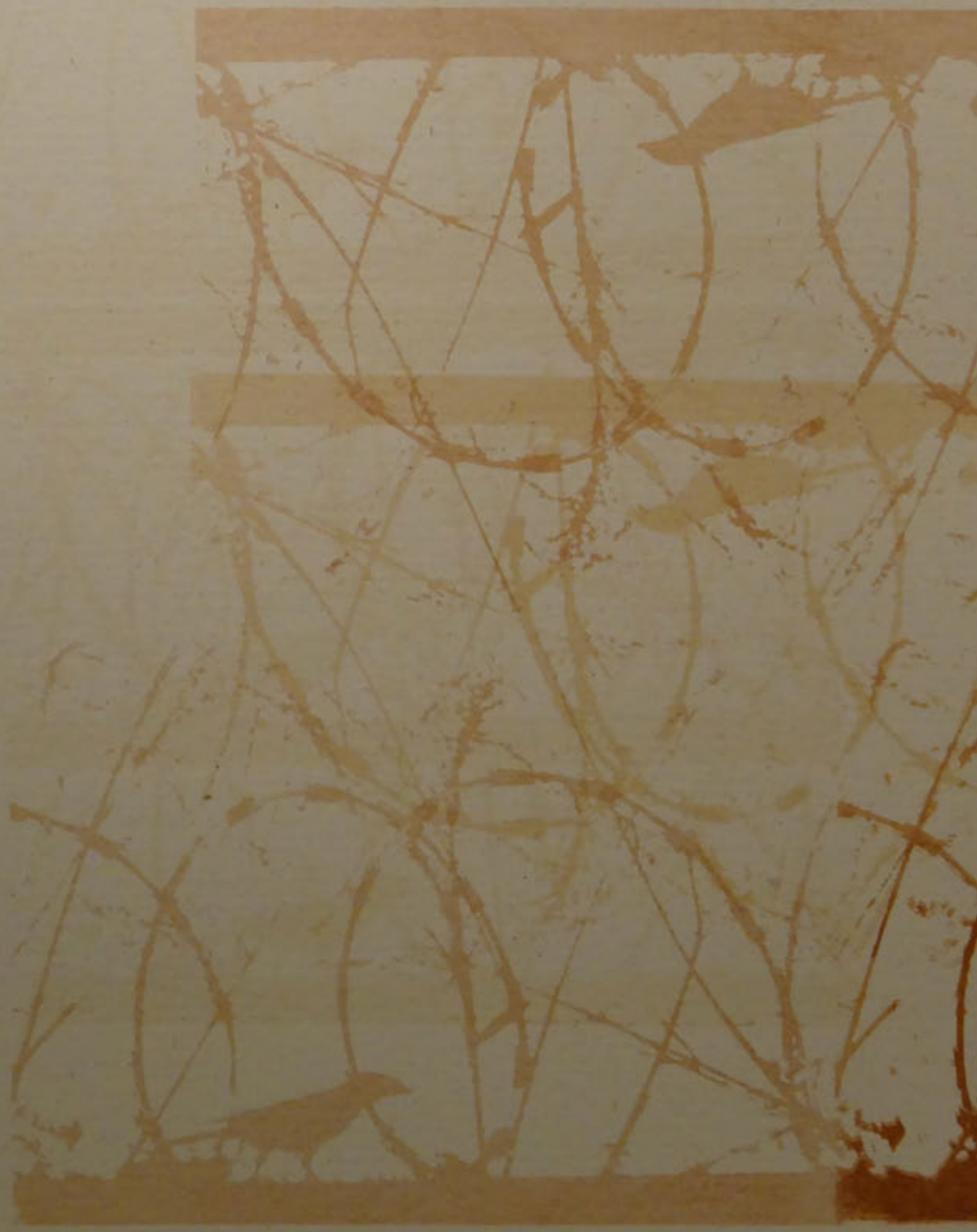
A Abordagem Triangular contribui para implementar o aprendizado sobre obras, artistas, objetos e

significados, pelo esclarecimento do ver, contextualizar e fazer, também utilizados por Annie Smith.

A importância dos trabalhos dos estudantes dá-se muito mais pelo percurso trilhado do que propriamente pelo resultado (também satisfatório para os estudantes). É no itinerário de desenvolvimento dos trabalhos executados a partir do conhecimento prévio de artistas e obras que acontece a expansão de conhecimentos não só pela Arte, mas para outras áreas correlatas e outros campos de saberes, como o Design, a História, Geografia, relações sociais e históricas pertencentes a cada período que é acessado pela contextualização.

REFERÊNCIAS

- Barbosa, A. M. (1998). *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte.
- Barbosa, A. M. (2002). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez.
- Barbosa, A. M. (2010). *Arte-Educação Contemporânea: Consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez.
- Barbosa, A. M. (2014). *A Imagem no ensino da Arte: anos 1980 e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva.
- Barbosa, A. M., & Cunha, F. (2010). *Abordagem Triângular: No ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez.
- Gadotti, M. (2008). *MOVA, por um Brasil Alfabetizado*. São Paulo: Instituto Paulo Freire.
- Meira, M. R. (2016). Cartografia das Mutações em Arte-Educação no Rio Grande do Sul — Últimas Décadas. In: Silva, U. R., Senna, N. D. & Meira, R. M. *Memórias e Perspectivas Contemporâneas da Arte/Educação no RS* (pp. 20-35). Pelotas, RS: UFPel.
- Smith, A. (1990). Fundamentos Teóricos do Ensino da História da Arte. In: A. M. Barbosa, & H. M. Sales, *O Ensino da Arte e sua História: 3º Simpósio Internacional sobre o ensino da arte e sua história* (pp. 97-103). São Paulo: MAC/USP.
- Smith, A., & Hancock, F. (1993). *Getting into Art History*. Toronto: Burn Press.





"encerrado"
Cláudio Montanari

Montanari 22